

A RECEPÇÃO DO MAL PERSONIFICADO NAS IGREJAS EVANGÉLICAS BRASILEIRAS

*Anderson de Oliveira Lima**

Resumo:

Neste artigo o objetivo é demonstrar como os evangélicos brasileiros lidam com a idéia do mal personificado em suas vidas e ritos. O estudo é panorâmico, e está baseado em três exemplos: Primeiro tratamos do filme "Deixados para Trás" e suas influências; depois falamos sobre obras de Rebecca Brown e suas repercussões; finalmente, nós trataremos à discussão uma canção de Marcos Witt que faz uma espécie de exorcismo coletivo. Nesse ínterim, nossas reflexões abordam o uso da Bíblia entre essas apropriações diversas, e discutem a maneira como essas releituras populares passam a existir.

Palavras-Chave: Evangélicos; Demônio; Satanás; Deixados para Trás; Rebecca Brown; Marcos Witt.

Abstract:

In this paper the aim is to demonstrate how Brazilian evangelicals deal with the idea of evil personified in their lives and rituals. The study is wide, and is based on three examples: First treat the movie "Left Behind" and its influence, then spoke about works of Rebecca Brown and its consequences, finally, we will bring to the table a song that makes a Marcos Witt collective exorcism. Meanwhile, our reflections address the use of the Bible among these various appropriations, and discuss how these popular readings come into existence.

Key-Words: Evangelicals, Devil, Satan, Left Behind, Rebecca Brown, Marcos Witt.

* O autor é doutorando e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, especialista em Bíblia pela mesma Universidade, e bacharel em música erudita pela Universidade Cruzeiro do Sul. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0893915454622475>.

Introdução

O título acima já expõe nosso objetivo, falar de como os evangélicos lidam com a ideia do mal, recebida da tradição cristã católica e protestante, e antes dela, do judaísmo. Queremos especialmente falar da ideia do mal personificado em figuras milenares como o Diabo e os demônios. Mas para falar da recepção das imagens do mal entre grupos religiosos dos nossos dias, temos que considerar as exigências metodológicas que esse objeto nos impõe.

Falando de maneira breve, o fenômeno religioso que chamamos de maneira reducionista de “Evangélicos” trabalha atualmente com paradoxos que não podemos ignorar. Por um lado, ele é marcado pelo conservadorismo, pela manutenção em alguns círculos de tradições de gerações passadas que resistem obstinadamente à passagem dos anos através da força de dogmas religiosos; por outro lado, grande parte dos evangélicos estão “conectados” às novas tecnologias e formas de comunicação. Por exemplo, algumas denominações ainda insistem no uso obrigatório de gravatas e longas saias durante as reuniões, mas já lêem a Bíblia por meio de telões e transmitem suas reuniões ao vivo pela internet. A descentralização de poder e a consequente multiplicidade de formas religiosas que costumam ser colocadas sobre o rótulo “Evangélicos” torna praticamente impossível a qualquer pesquisador oferecer resultados conclusivos a não ser que se faça rigorosos recortes. Todavia, em nosso caso não queremos resultados conclusivos, e não queremos reduzir demais nosso campo de observação. Mesmo estando conscientes do risco de fazer generalizações, nosso objetivo é desenhar um quadro geral com algumas das ideias que este universo evangélico têm sobre o mal e suas personificações. Por isso, em vez de buscar peculiaridades e fazer escolhas, buscamos elementos comuns que ainda permitem grupos religiosos distintos nos credos e nas liturgias considerarem-se, na medida do possível, grupos “irmãos”.

Dentre os elementos que vinculam essas diferentes formas de ajuntamento sócio-religioso e ainda nos levam a classificar todos como “evangélicos”, talvez o fundamentalismo seja o mais evidente, e o mais relevante para nossa tarefa atual. Sem dúvida o emprego que fazemos aqui de “fundamentalismo” é bastante amplo, mas queremos evitar ao menos seu uso mais pejorativo. Quando dizemos que os evangélicos brasileiros são fundamentalistas, não estamos dizendo que são irracionais, fanáticos...;

aqui usamos o termo para falar de grupos que defendem certos conjuntos de dogmas como sendo a única verdade, e principalmente, queremos nos referir ao modo ingênuo de ler Bíblia e outros documentos religiosos, como se fossem janelas abertas para o passado. Noutros termos, os evangélicos de maneira geral adotam certos documentos escritos (como a Bíblia e os livros com as interpretações dos seus líderes, por exemplo) e lhes atribuem autoridade normativa por meio de argumentos religiosos, depois, lêem tais documentos acriticamente e procuram se guiar a partir dessas leituras. Isso é muito importante neste trabalho que vamos apresentar, porque o que procuraremos demonstrar é exatamente como evangélicos brasileiros de hoje se apropriam de certas ideias religiosas destes documentos. Vamos nos dedicar especialmente à recepção dessas tradições religiosas que tratam do Diabo e dos demônios, aproveitando o ensejo para impulsionar algumas reflexões sobre essa hermenêutica fundamentalista.

Tentando empregar um método coerente com nosso objeto, nossos exemplos partem especialmente de comunicações midiáticas atuais. As novas gerações das igrejas evangélicas brasileiras são formadas mais pela mídia do que pelo ensino religioso em escolas dominicais, como acontecia às gerações anteriores. Diante do amplo acesso que os membros têm à informação, é cada vez mais difícil estabelecer um dogma sem que se note grande influência de outras demonimações. Hoje, igrejas pentecostais lêem livros de escritores metodistas, neo-pentecostais frequentam seminários teológicos batistas, presbiterianos cantam canções tiradas de discos produzidos por novas igrejas evangélicas... Por tudo isso, julgamos que para falar da formação de uma imagem personificada do mal neste meio, mais do que estudar as tradições dos fundadores dessas igrejas, temos que nos voltar para a transmissão dessas imagens nos meios de comunicação próprios dos evangélicos. Daí nossa escolha por tratar de filmes, músicas e livros que exerceram ou exercem influência na formação identitária desses novos evangélicos.

1 – Deixados Para Trás: O Fim do Mundo para os Evangélicos

O primeiro tópico de nossa exposição é de caráter cinematográfico. Vamos falar de algumas representações do mal a partir da série de filmes intitulados “Deixados para Trás” (Left Behind), inspirados numa série de 13 livros de Tim LaHaye e Jerry B. Jenkins. As obras de ficção se inspiram em passagens bíblicas que falam sobre o fim

apocalíptico do mundo, e na versão cinematográfica (apenas três filmes foram filmados, deixando a série incompleta em sua versão para o cinema), o direcionamento ao público evangélico é declarado até na escolha dos atores, em sua maioria, cristãos evangélicos, como podemos ver ao assistir os “extras”.

Embora a classificação dada aos livros e filmes seja “ficção”, não é bem assim que os evangélicos o recebem. A ampla aceitação dos filmes de “Deixados para Trás” se explicam porque eles retratam em grande medida a interpretação que a maioria das igrejas evangélicas de hoje dão para os textos bíblicos referentes ao fim dos tempos. Como em romances, os filmes narram a história de personagens fictícios, mas eles vivem durante os últimos dias, que são construídos segundo um imaginário evangélico já bem desenhado. Parte dos conflitos se dá na necessidade de crer (ou converter-se), e na divisão entre familiares de confissões de fé distintas. Dentre os eventos que poderíamos considerar apocalípticos, temos o “arrebamento da igreja”, a “ascensão do Anticristo”, a “grande tribulação”... Portanto, “Deixados para Trás” usou a escatologia evangélica como cenário para um romance, e imediatamente foi recebido e usado como um instrumento para alcançar os não-evangélicos e para educar os evangélicos. Os autores leram a tradição sob uma ótica norte-americana, empregaram-na na composição da série, e por isso os filmes podem ser analisados como uma leitura, uma recepção evangélica destas tradições apocalípticas, e propagador dessas mesmas leituras entre os evangélicos brasileiros.

Antes de fazermos nossas considerações, vamos comentar algumas cenas, e a primeira delas selecionamos do primeiro filme. Trata-se de uma oração de Buck Williams, o repórter que é um dos protagonistas. Ele fora convidado para uma reunião entre Chefes de Estados, e descobre que quem o convidou é o Anticristo, que quer fazer do influente repórter seu assessor de imprensa. Porém, antes da reunião, ele faz uma oração, que representa o ritual de conversão evangélica, onde se declara a fé em Jesus Cristo como salvador, e a dependência a ele. Aí temos a força evangelística do filme, pois não restam dúvidas de que o apelo em cenas como essa, que se repetem algumas vezes em cada filme, é principalmente para motivar a conversão dos eventuais telespectadores não evangélicos.

A seguir Buck entra na sala de reunião, e Nicolai Carpathia, o personagem que é o Anticristo, dirige a reunião. Temos alguns pontos a destacar desta cena: Para começar, vemos aqui uma imagem do mal personificado bastante interessante, a do líder político que governa o mundo com o intuito de afastar as pessoas de Deus. Temos também a menção do plano de 7 anos de poder do Anticristo, período que tem início com o arrebatamento e termina com a vinda de Jesus Cristo para pôr fim ao seu domínio. Ainda podemos ver uma paródia do “discurso de envio” de Jesus em Mateus capítulo 10, mas aqui, o Anticristo faz dos líderes políticos seus servos, que são enviados para governar o mundo em seu favor. No final desta cena, dois homens que são banqueiros e que trabalham por elevar Nicolai ao poder por interesses econômicos, são traídos e assassinados. Nicolai demonstra poderes sobrenaturais e assim se faz temível, conhece a vida pessoal de um segurança que está presente, manipula a mente das pessoas, e demonstra não ter escrúpulos. Aí voltamos àquela oração de Buck; no enredo ela mostra-se decisiva, pois ao colocar-se sob o senhorio divino, o repórter esteve protegido dos poderes do Anticristo durante a reunião. Ele não tem a mente controlada como os demais presentes, e é o único capaz de se lembrar dos ocorridos; quer dizer, que se tornar um “evangélico” o salvou do mal.

Fazendo uma pausa na apreciação do filme, sabemos que estudiosos das ciências sociais com o olhar voltado para os movimentos religiosos já constataram há muito que, no conflito entre diferentes grupos e crenças, um fenômeno comum é a “demonização” do outro (Silva, 2011, p. 127-128), que é uma espécie de depreciação aos rivais que hoje é considerada uma característica típica de movimentos chamados “fundamentalistas” (Oro, 1996, p. 127-129). Para Erving Goffman (1988, p. 7-15), o “outro” (que pode ser uma categoria individual ou coletiva) é reconhecido como diferente quando possui uma ou mais características (que formam sua identidade social real) que diferem das características esperadas ou tidas como ideais (que constituem a identidade social virtual). Por conta dessa diferença, que pode assumir inúmeras formas, o “outro” é rejeitado, e pode passar a sofrer discriminação ganhando atributos depreciativos, como é o caso da identificação de um suposto adversário com o demônio. Dizemos que este “outro” é um indivíduo *estigmatizado*. Olhando por outro lado, os males sofridos por um grupo cujo vínculo interno é essencialmente religioso, podem facilmente ser atribuídos aos seus supostos inimigos, sejam eles físicos ou não, e no discurso deste

grupo, homens e demônios podem mesmo se misturar. Assim, para o “nós”, resistir ao “eles” pode ser o mesmo que resistir ao diabo.

Pensando agora novamente nas cenas que vimos, diríamos que elas constroem verdadeiras barreiras identitárias, impõem regras para que alguns dos “eles” passem a ser “nós”, estigmatizam os demais, especialmente os líderes políticos, fazendo-os seres manipuláveis pelo Anticristo. Assim, no imaginário evangélico sobre o mal é importante notar que o mundo se divide em apenas duas partes, os cristãos e os outros, e que Satanás e seus demônios, cujo poder exercem temporariamente sob a permissão divina, encontram nesses outros alvos fáceis, e além dos prejuízos pessoais que este domínio maligno pode acarretar, existe a preocupação com os efeitos mundiais, políticos, econômicos... Este filme serve como um exemplo de que para os evangélicos, o mundo é mal, está destinado à perdição, e os cristãos é que são “extra-terrestres”, habitantes do céu que vivem momentaneamente neste caos. Esta é uma visão pessimista que inevitavelmente provoca em certos círculos evangélicos uma inércia, em que é melhor orar e esperar por Deus do que agir contra as injustiças e desumanidades.

Passemos para a próxima cena a comentar, agora no segundo filme, quando o Anticristo assume o poder por aclamação e faz seu discurso de posse que é televisionado. Ele demonstra possuir controle sobre a economia mundial, diz lutar contra o desarmamento, já que a partir daí as fronteiras deixam de ter importância enquanto todos estão sob o mesmo governo. O Anticristo (Nicolai Carpathia) pede o fim das diferenças, em especial da religiosa. De maneira caricata o Anticristo do filme cita textos bíblicos como Mateus 6.13, mas em vez de dedicar a Deus o reino, o poder e a glória, diz que os mesmos agora estão nas mãos dos homens. A religião, no discurso, é desnecessária, um tipo de fenômeno típico de um mundo antiquado, o motivo para as discórdias, diferenças e guerras.

Nesta cena vemos principalmente como são demonizadas as iniciativas ecumênicas, o que é natural ao discurso evangélico brasileiro. Para eles, tais tentativas de acabar com as diferenças religiosas em nome da paz fazem com que os homens se esqueçam do anúncio bíblico de um juízo vindouro, que separará uns para o céu e outros para o inferno. O ecumenismo vai negar a necessidade de “conversão”, de arrependimento, ou melhor dizendo, a necessidade de seguir os dogmas evangélicos, que são o caminho para a salvação. Novamente fica evidente quão importantes são as

fronteiras identitárias para os evangélicos, e quão certos eles estão de que só eles possuem a “verdade”.

Vamos encerrar esta seção falando de uma análise mais profunda feita de “Deixados para Trás” numa dissertação de mestrado que tem como tema a crença do arrebatamento da igreja (Sebastião, 2010). A autora faz um trabalho exegético sobre 1 Tessalonicenses 4.13-18 e Apocalipse 20.1-6 (2010, p. 76-107), chegando assim às suas próprias conclusões sobre os textos e sobre a suposta ideia de um “arrebatamento” nas páginas da Bíblia. Todavia, ela não pára por aí, e dedica boa parte de sua pesquisa à análise da recepção, estudando o papel do protestantismo norte-americano no estabelecimento de novas ideias supostamente bíblicas sobre o arrebatamento nas igrejas brasileiras. Ela faz essa pesquisa resenhando livros que influenciaram o desenvolvimento dessa teologia nas nossas igrejas (2010, p. 30-47), e num capítulo aborda também o filme “Deixados para Trás”, que apresenta a crença no arrebatamento numa leitura muito popular, demonstrando muitos dos elementos ideológicos dos protestantes da América do Norte expressos no filme (2010, p. 48-49). A conclusão é que estas ideias religiosas relacionadas ao arrebatamento que hoje encontram ampla aceitação no Brasil de confissão evangélica, são formulações recentes que não são encontradas em qualquer texto bíblico quando os abordamos exegeticamente; na verdade, estas ideias são criações extraídas da leitura fragmentária e ingênua dos textos bíblicos, ideias que nasceram por diferentes motivações na América do Norte, e que depois passaram a ser defendidas como a verdadeira interpretação das “profecias” em diferentes culturas.

Em termos de recepção traditiva, o filme está no centro de uma leitura religiosa das tradições apocalíticas da Bíblia. Por um lado, recebe influências dos textos canônicos e de muitas gerações de seus leitores, ao mesmo tempo em que ganha uma atualização típica do protestantismo pentecostal norte-americano; por outro, “Deixados para Trás” torna-se um importante meio de comunicação que fixa estas leituras, divulga-as, e assim influencia as igrejas evangélicas brasileiras. Os pontos que destacamos, como a estigmatização dos não-evangélicos, a ideia de que este mundo é uma espécie de propriedade dos demônios, a desnecessariedade de qualquer ação prática para melhorar a sociedade, dentre outros, revelam-se pontos de contato entre os

protestantes brasileiros e norte-americanos, e aqui, nos ajudam a formar uma primeira imagem sobre as personificações do mal entre as igrejas evangélicas.

2 - O Ocultismo nas Obras de Rebecca Brown

Rebecca Brown é o pseudônimo de uma ex-médica chamada Ruth Irene Bailey, que se tornou conhecida internacionalmente como autora evangélica. Um dos seus livros que ficaram famosos no Brasil é “Ele Veio para Libertar os Cativos”, obra que fez com que Rebecca Brown fosse um dos autores mais lidos nas igrejas evangélicas durante a década de 90. Neste livro e nos demais ela conta sua trajetória como alguém que ajudava pessoas a se libertar do ocultismo nos Estados Unidos. Uma personagem importante das histórias de Brown é uma mulher chamada Elaine, descrita como uma grande ex-sacerdotisa do satanismo, e que após tomar a decisão de abandonar a “Irmandade”, sofre retaliações diversas por parte dos satanistas. Os livros de Brown relatam as lutas das mulheres contra os satanistas, supostamente desvenda a influência dos tais na política e na economia norte americana e mundial, assim como revela seus sinais de identificação e suas estratégias de infiltração nas igrejas cristãs. Também descrevem os rituais de sacrifícios humanos praticados em determinados sábados do ano (Black Sabbath), e afirmam que os satanistas possuem o poder de sair dos corpos e em espírito viajar para qualquer lugar, não havendo lugares seguros para elas, que então tinham que sofrer e refugiar-se na fé cristã.

Apesar de serem contextualizados nos Estados Unidos, e narrarem histórias que mais parecem roteiros de filmes de terror, os evangélicos brasileiros receberam bem os livros e em certos meios até surgiram certas superstições baseadas nas histórias de Brown. Logo outros títulos similares surgiram no mercado editorial brasileiro, dentre eles os de Daniel e Isabela Mistral intitulados “Filhos do Fogo” (2 volumes) e “Guerreiros da Luz” (2 volumes). Mas da mesma maneira como Rebecca Brown “explodiu”, também foi sufocada. Organizações religiosas passaram a investigar a autora e a publicar artigos que negavam a veracidade dos fatos narrados nos livros. Dentre as informações que desde então são empregadas para deslegitimar Rebecca Brown e suas histórias, estão estas: Além da identidade falsa que a autora usava, descobriu-se que ela teve sua licença médica cassada por imperícia e medicação imprópria a seus pacientes. A personagem Elaine também trata-se de um pseudônimo, e

foi identificada na realidade como Edna Moses, uma mulher com instabilidade mental que conheceu Brown quando esta fazia residência médica em 1980.

Rebecca Brown lidera atualmente um grupo cristão chamado “Guerreiros da Colheita” ao lado do marido. E há até edições de seu Best-Seller “Ele Veio para Libertar os Cativos” em quadrinhos. No entanto, sua influência na formação de uma imagem personificada do mal a partir do satanismo norte americano já não é tão relevante no cenário brasileiro.

Aqui talvez tenhamos espaço uma breve discussão mais técnica sobre como a sociedade brasileira em seu recorte “evangélico” lida com a verdade e a mentira nas fontes de informação. Queremos chamar a atenção para o fato de que mesmo o caráter fortemente ficcional dos livros de Rebecca Brown não incomodaram os leitores até que surgissem opositores que atacassem moralmente a autora. Nosso estranhamento se dá porque sabemos que toda narrativa possui um forte elemento ficcional, e isso mesmo quando estamos falando de narrativas históricas, que procuram encadear fatos supostamente reais, que foram produzidas por cientistas que analisaram suas fontes criticamente e “reconstruíram” o passado. Mesmo na narrativa história, o autor não só descreve eventos como também os posiciona numa sequência temporal que é fictícia, num cenário ou mundo fictício, e faz com que os fatos sigam uma sequência de ações (enredo) que está sob o controle do narrador. Tais características levam os linguistas a afirmar que toda narrativa é ideológica (Charaudeau, 2010, p. 153-156). Para Hayden White, toda narrativa que pretende ser histórica possui tanto um “conteúdo”, nome que ele dá aos eventos extraídos da análise das fontes documentais, quanto uma série de ornamentos, que são recursos mais ou menos artísticos não tão seguros, mas que são indispensáveis para a “dramatização”. Para White, sem estes recursos da narratividade que imita a vida, a historiografia voltaria à tradição cronística (2011, p. 464).

Porém, a hermenêutica praticada nos círculos evangélicos lida com a Bíblia e com outras fontes de informação de maneira demasiadamente crédula. Os textos bíblicos e as criações do próprio “mundo evangélico” são recebidas como verdades até que alguém prove o contrário. Por isso é tão fácil manipular esses grupos, que recebem informações sem qualquer senso crítico. Brown, enquanto escritora, talvez criasse narrativas totalmente fictícias, ou quem sabe romanceava os fatos como qualquer

biógrafo faz, mas seus leitores ignoraram o inevitável fator criativo dos seus textos por conta de seus hábitos positivistas, adquiridos ou desenvolvidos mesmo pela leitura evangélica da Bíblia. Depois, críticos também fundamentalistas atacaram não as obras Brown em si, mas a reputação da autora, para transformar suas histórias em completas mentiras. Se os livros tinham algum valor como literatura, agora é este valor que é ignorado, posto que a expectativa do leitor era por “fatos”, ainda que os “fatos” fossem de homens que recebiam poderes demoníacos e saíam do corpo para atacar uma mulher em seu leito.

Mais uma vez, foi possível constatar como se dá a recepção de imagens do mal personificado entre os evangélicos, mas agora, com um elemento novo a destacar; os evangélicos são abertos às influências advindas de evangélicos, confiam naqueles que aparentemente se encontram do lado de dentro dos seus “muros”. Todavia, quando Brown foi expulsa do círculo evangélico por alguns, rejeitada por conta de supostas falhas morais, também suas obras foram rejeitadas por muitos. A avaliação que se fez da obra estava baseada na ideia de uma proximidade social, ou seja, Brown e os leitores eram “irmãos”. Com o fim desse laço evangélico, ela será estigmatizada, o que não nos impede de encontrar em suas obras algumas curiosidades sobre a formação desse criativo imaginário religioso.

3 – Canções de Exorcismo: Análise de uma Canção Evangélica

Agora vamos tratar brevemente de uma canção intitulada “Levanta-te Senhor”, de Marcos Witt,¹ cantor evangélico mexicano muito popular na América Latina e nos Estados Unidos. No Brasil, há em São Paulo até uma filial do chamado “Instituto Canzion”,² instituição idealizada por Marcos Witt e sua irmã Lorena para a formação de “ministros de louvor”.

Há apenas algumas observações a serem feitas. Primeiro, como já mencionamos superficialmente, as igrejas evangélicas brasileiras parecem receber influências dos círculos pentecostais latino americanos quando o assunto gira em torno das imagens de Satanás e seus demônios de forma mais radical. Neste trabalho não procuramos

¹ marcoswitt.net

² <http://www.institutocanzion.com.br/>

aprofundar essa constatação, pelo que deixamos os leitores interessados encarregados dessa pesquisa.

Para começar, a canção que foi gravada em português e que pode ser ouvida em inúmeras igrejas evangélicas traz uma evocação dizendo: “Levanta-te, levanta-te Senhor”. Daí foi extraído o próprio título da canção (Levanta-te Senhor). Deus é evocado para entrar na guerra e dispersar os inimigos.

Fujam diante de Ti os Teus inimigos

Se dispersem diante de Ti

Todos aqueles que aborrecem Tua presença

Essas primeiras estrofes da canção são evidentemente adaptações de uma passagem do Antigo Testamento, mais precisamente de Números 10.35, que diz: “Era, pois, que, partindo a arca, Moisés dizia: Levanta-te, SENHOR, e dissipados sejam os teus inimigos, e fujam diante de ti os aborrecedores”. O compositor se apropria neste caso de algumas palavras que segundo o narrador de números eram ditas por Moisés sempre que o povo de Israel, que peregrinava pelo deserto, levantava seu acampamento e partia levando para outro lugar levando a “arca da aliança”. Ou seja, o Deus de Israel os guiava e os protegia, era uma entidade convidada a ir diante do povo enquanto andavam e a permanecer com eles quando acampavam. O versículo é empregado na canção de maneira própria, mas também evoca Deus no sentido religioso e militar. Agora não há peregrinos, mas este Deus guerreiro é chamado para auxiliar o povo que canta em suas batalhas contra os inimigos.

Essa questão dos inimigos é particularmente curiosa, pois a princípio, ao apresentá-los, a canção trata de reinos, monarquias, impérios, principados...:

Tua presença reinará sobre todo império

Tua presença reinará, governará sobre todo principado

Se nos limitarmos a ler as palavras a partir de suas relações e oposições semânticas, julgaremos erroneamente que estamos falando de batalhas militares entre poderes políticos, mas este discurso se dá agora num ambiente eclesiástico, onde os signos devem ser lidos a partir de outras referências. Agora, é o Novo Testamento em

sua leitura fundamentalista que funciona como elemento formador da linguagem evangélica, que nos oferece os discursos mais úteis para entender o uso religioso dos vocábulos. Primeiro, quando a canção nos diz que a presença de Deus reina, nos faz lembrar do “Reino de Deus”, expressão comum nos evangelhos que desde então já não se refere somente ao poder monárquico e a um domínio territorial, mas que diz respeito às expectativas apocalípticas de transformação da realidade por meio de uma intervenção poderosa e definitiva de Deus. Do mesmo modo, para entender termos políticos como “império” e “principado” temos que nos voltar para o Novo Testamento, talvez agora para as cartas paulinas e deutero-paulinas, que transmitiram aos cristãos de todas as gerações o sentido religioso e demoníaco que se pode dar aos “impérios” e “principados” (1Co 15.24; Ef 1.21). Ali também a expectativa apocalíptica aparece nas afirmações de que estes poderes demoníacos que governam o mundo serão aniquilados quando Deus impor pela força o seu domínio pleno.

Mas a canção ainda segue com uma terceira parte ainda mais curiosa, onde há verdadeiros “exorcismos”. O cantor nomeia diferentes “espíritos”, na verdade chamando-os pela suposta influência que eles exercem sobre os seres humanos. Assim, temos o “espírito de temor”, de “maldade”, de “rancor”, de “prostituição”, de “enfermidade”, e os contraditórios espíritos de “ambição” e “miséria”... Após o cantor evocar estes espíritos, os ouvintes devem em uníssono expulsar os tais ordenando: “fora!”. Trata-se aí de uma canção que é quase um ritual de libertação coletiva, talvez com relações indiretas com a ideia de que o cristão que sofre algum tipo de ataque externo de demônios pode libertar-se a si mesmo.

Há evidentes dificuldades hermenêuticas na canção. Embora nossa análise tenha sido apenas introdutória, já foi possível notar que textos diversos e cuja origem e contexto históricos são bem distintos são aplicados em conjunto; esta forma de apropriação é bastante comum à leitura bíblica religiosa, especialmente à fundamentalista. Não há barreiras para se afirmar que o Deus que se levantava com os judeus peregrinos agora se levanta com todo cristão que precisa combater as forças das trevas; ele luta junto deles não mais contra as nações vizinhas que deveriam ser expulsas da terra de Canaã, mas contra poderes espirituais que exercem diferentes formas de poder e controle neste mundo. A presença de Deus e a vinda do Reino também perderam na leitura seu caráter apocalíptico de esperança escatológica; já não dizem

respeito ao futuro, mas ao exato momento em que se canta e expulsa demônios coletivamente. Também notamos que embora os demônios continuem a princípio sendo tratados como impérios e principados como na tradição paulina, a preocupação atual já não é territorial; agora importa o domínio que eles exercem sobre o indivíduo, o que é uma nova redução do coletivo para o pessoal, tendência típica da religiosidade destes nossos dias.

Considerações Finais

Após toda esta reflexão sobre a recepção do imaginário religioso sobre a personificação do mal, podemos encerrar este artigo dizendo que esta idéia que é tão cara aos evangélicos obtém sucesso porque atende a uma necessidade de seu público. Muitos já observaram que as formas tradicionais do cristianismo, em especial o catolicismo romano, embora tenham colaborado por muito tempo para a popularização do imaginário do mal personificado em Satanás e seus demônios, nos tempos modernos absteram-se do problema. Lesnek Kolakowski, por exemplo, cogitou a possibilidade de que estas “grandes igrejas” prefiram não associar a idéia do Diabo a seus credos por ainda ser esta idéia muito vinculada à caça às bruxas dos séculos XVI e XVII (1985, p. 22). Para Alfredo dos Santos Oliva, os católicos burocratizaram ou psiquiatrizaram as possessões, tornaram os rituais de exorcismos eventos raros e ao silenciar sobre o tema, deixaram um vácuo que hoje as igrejas pentecostais e neo-pentecostais ocupam (2007, p. 261-266). Os evangélicos estão oferecendo respostas ao problema do demônio e suas possessões, pois no imaginário popular, a educação e a psicologia ainda não deram conta de livrar os homens de seus supostos tormentos espirituais.

Outra constatação que merece crédito é a de que este imaginário, a idéia da presença constante do mal, as ameaças das possessões, o perigo de ser tentado etc, funcionam também como eficazes meios de controle social, pois ainda que indiretamente, sempre se procura fazer com que os leitores evitem certos comportamentos que são pelo grupo classificados como “pecaminosos” e que supostamente os aproximaria do diabo. Diferente das religiosidades de caráter coletivista da antiguidade, os evangélicos parecem transferir suas preocupações para o nível pessoal, individual, e por isso os pecadores não são tão estigmatizados, já que o próprio cristão pode a qualquer momento ser também uma vítima. Agora, o objetivo é a

libertação pessoal que permite que cada indivíduo siga seu caminho em busca de um amadurecimento cristão.

Quanto ao uso da Bíblia, a leitura fundamentalista ainda é o que oferece aos evangélicos o material principal para a criação de seu “mundo” religioso. Os diferentes ataques dos demônios e a própria crença de que podemos ser possuídos mostra-se sempre como uma crença bíblicamente fundamentada, o que nossa análise mostrou ser um fato contestável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROWN, Rebecca. *Ele Veio para Libertar os Cativos*. Rio de Janeiro: Danprewan, 1996.

BROWN, Rebecca. *Prepare-se para a Guerra*. Rio de Janeiro: Danprewan, 1998.

BROWN, Rebecca. *Vaso para Honra*. Rio de Janeiro: Danprewan, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e Discurso: Modos de Organização*. São Paulo: Contexto, 2010.

GINZBURG, Carlo. Controlando a Evidência: O Juiz e o Historiador. In. NOVAIS, Fernando A.; SILVA, Rogério F. da (orgs.). *Nova História em Perspectiva (Vol. 1 - Propostas e Desdobramentos)*. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 341-358.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

KOLAKOWSKI, Leszek. O Diabo. In. *Religião e Sociedade*, n. 12/2, 1985, p. 4-22.

NOVAIS, Fernando A.; SILVA, Rogério F. da (orgs.). *Nova História em Perspectiva (Vol. 1 - Propostas e Desdobramentos)*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

OLIVA, Alfredo dos Santos. *A História do Diabo no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2007.

ORO, Ivo Pedro. *O Outro é o Demônio: Uma Análise Sociológica do Fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996.

RICOEUR, Paul. *O Mal: Um Desafio à Filosofia e à Teologia*. Campinas: Papyrus, 1988.

SCHWARTZ, Seth. *Were the Jews a Mediterranean Society? Reciprocity and Solidarity in Ancient Judaism*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2010.

SEBASTIÃO, Andréa dos Reis. *A Crença no Arrebatamento da Igreja: Seus Desenvolvimentos e Transformações Imagéticas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo (Dissertação de Mestrado), 2010.

SILVA, Valmor da. Os Poderes do Mal e as Máscaras do Diabo. In. *Pistis e Praxis*, v. 3, n. 1, 2011, p. 121-135.

WHITE, Hayden. A Questão da Narrativa na Teoria Histórica Contemporânea. In. NOVAIS, Fernando A.; SILVA, Rogério F. da (orgs.). *Nova História em Perspectiva (Vol. 1 - Propostas e Desdobramentos)*. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 438-483.